



Memória Biocultural

[narrativas e resistências em 50 anos do MACP/UFMT]





Memória Biocultural

[narrativas e resistências em 50 anos do MACP/UFMT]

Curadoria de Ruth Albernaz | Consultoria de Fernanda Pitta

**Adão Domiciano Adir Sodré Alcides Pereira Aleixo
Cortez Almira Reuter Bené Fontelles Benedito Nunes
Carlos Lopes Clínio Moura Clovis Irigaray Conceição
Freitas Dalva de Barros Dona Joana Fábio Lacerda
Gervane de Paula Gonçalo Arruda Amilton Leitão
Hermes Pereira Humberto Espíndola Ignez Corrêa da
Costa Ilton Silva Iranche Jared Aguiar João Pedro de
Arruda João Sebastião da Costa Jonas Barros José
Pereira José Serafim Bertoloto Júlia Rodrigues Júlio
César Kaya Agari Marcelo Velasco Márcio Aurélio
Magna Domingos Marta Catunda Maty Vitart Miguel
Penha Chiquitano Nilson Pimenta Olimpio Bezerra
Paulo Fogaça Paulo Pires Regina Pena Roberto de
Almeida Rosylene Pinto Ruth Albernaz Sebastião
Silva Sitó Valdevino Miranda Valques Pimenta Vitória
Basaia Wander Mello • Caio Augusto Ribeiro Ivens
Cuiabano Scaff Lucinda Persona Marília Beatriz Silva
Freire**



UFMT

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Reitora

Marluce Aparecida Souza e Silva

Vice-Reitor

Silvano Macedo Galvão

Pró-Reitora de Cultura, Extensão e Vivência

Lisiane Pereira de Jesus

Coordenadora de Cultura e Vivência

Divanize Carbonieri



MUSEU DE ARTE E DE CULTURA POPULAR

Supervisor(a)

Clark Mangabeira Macedo

Patrícia Marília Félix da Silva

Museóloga

Sílvia Aragão

Técnico em Artes Gráficas

Mauricio Mota

Estagiários(as)

Erika C. Azevedo

Gabriel Acioly

Jessica Borges

Wallace Marquis

Conselho Curador

Caio Ribeiro Bertoni

Divanize Carbonieri

Maria Teresa Carrión Carracedo

Patrícia Marília Félix da Silva

Thania Arruda Monteiro

MEMÓRIA BIOCULTURAL

[Narrativas e resistências em 50 anos
do MACP/UFMT]

Curadora

Ruth Albernaz

Consultora

Fernanda Pitta

Secretário Executivo

Felix Keunecke

Projeto Expográfico / Montagem

Livia Bertges

Rodrigo Leite

Rubens Florêncio

Ruth Albernaz

Projeto Gráfico

Casa de Cultura Biosfera

Maria Teresa Carrión Carracedo

Catálogo

Mauricio Mota

Wallace Marquis

Fotografia

David da Silva Ferreira de Sousa

Fred Gustavos

Gabriel Acioly

Maurício Mota

Jessica Borges

Wallace Marquis

Poetas

Caio Augusto Ribeiro

Ivens Cuiabano Scaff

Lucinda Persona

Marília Beatriz

Silva Freire

Programa Educativo

Caio Augusto Ribeiro

Ruth Albernaz

Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC)

Observatório & Laboratório de

Pesquisa Artística (OLPA)

Laboratório de Ensino de História e

Tecnologia Digitais (LEHDI)

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre
relações Raciais e Educação (NEPRE)

Grupo de Pesquisa História e

Estudos de Gênero

Estudos sobre Política, Identidades e

Fronteiras nas Américas (EPIFAn)

UFMT com a Corda Toda

Núcleo de Estudos, Pesquisas e Ações
Educativas do MACP

Mediação

Erika C. Azevedo

Gabriel Acioly

Jessica Borges

Wallace Marquis

Agradecimentos

Carmo Johnson Projects

Casa das Molduras

Monza Tintas

Daniel Valente

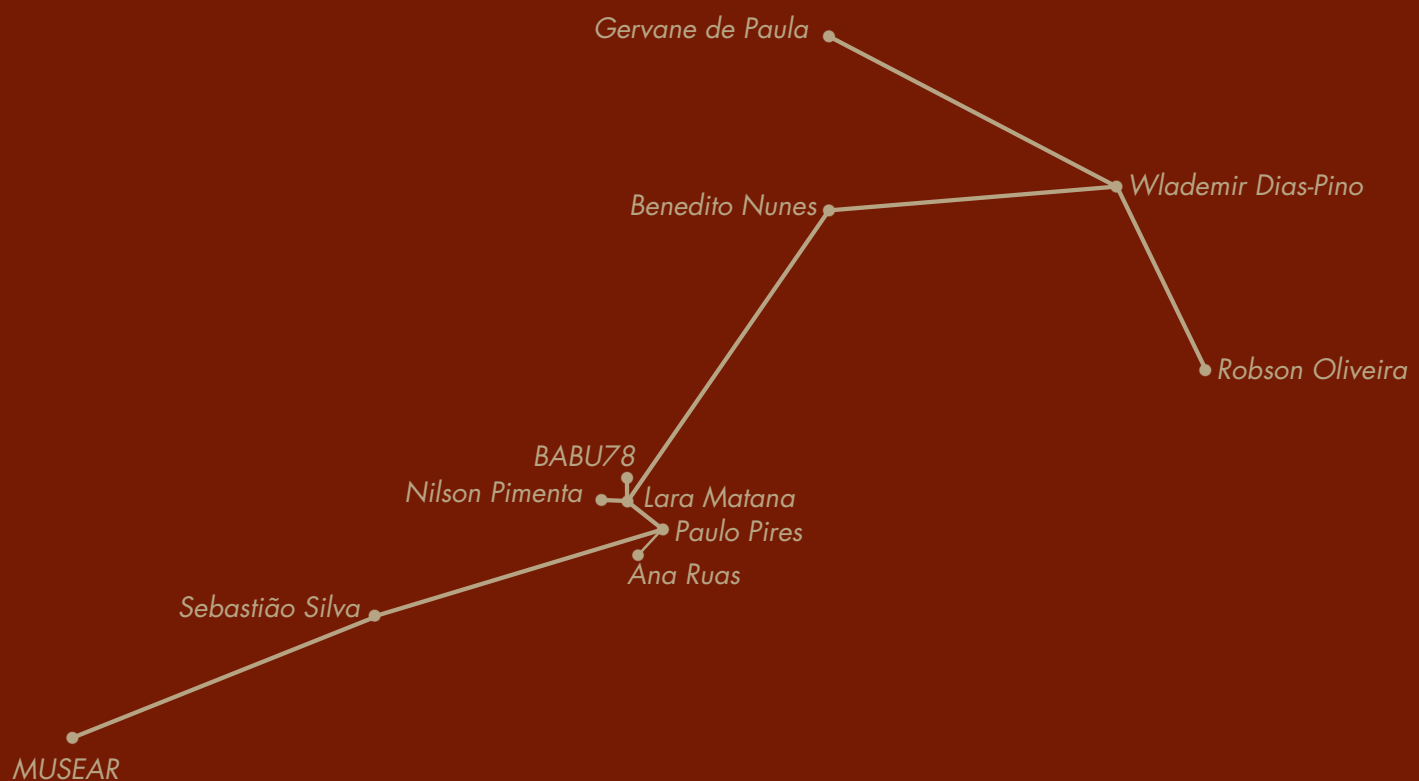
Maria Teresa Carrión Carracedo

Família de Silva Freire

Família de Ivens Scaff

Família de Marília Beatriz de Figueiredo Leite

Obras-semente pelo Campus Cuiabá



Que outras obras você conhece pela UFMT?

Poema visual de Caio Augusto Ribeiro

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arte e de Cultura Popular - Macp, é criado em janeiro de 1974, durante a gestão do então reitor Gabriel Novis Neves. Surge como o desdobramento do Projeto CIAP (Centro de Informações de Artes Plásticas) elaborado em 1973 por um grupo de trabalho da Assessoria Técnica de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Mato Grosso. O Projeto CIAP continha um ensaio de autoria de Aline Figueiredo, Thereza Arruda e Humberto Espíndola que apresentava argumentações que resultaram na criação do Macp, como órgão suplementar da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso.

Nesses 50 anos o Macp reúne um histórico rico e relevante que vai muito além da missão de preservação, pesquisa e comunicação das artes plásticas mato-grossenses. O Macp é criado durante o governo militar como espaço de resistência e representa, por sua natureza e dinamismo no campo da arte, um instrumento de mobilização política, construção de um pensamento crítico e fortalecimento da cultura local. Para além do impacto libertador da livre expressão cultural, cabe ressaltar o compromisso social de todos equipamentos culturais da Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Vivência, criada em 2008 para atender às novas demandas e desafios sociais fortalecendo a articulação com a comunidade acadêmica e científica e amplificando a vocação extensionista da UFMT.

Nessa mesma perspectiva nasce o Ateliê Livre em 1976, inicialmente na Fundação Cultural e, em 1981, no Campus da UFMT, constituindo uma extensão do Macp, concebido como espaço formador e berço de vários artistas mato-grossenses hoje consagrados. O Ateliê Livre foi base cultural para três gerações de artistas, formados primeiro por Dalva de Barros e posteriormente por Nilson Pimenta. Hoje as obras de muitos desses artistas compõem o rico acervo com aproximadamente 400 obras do MACP.

A exposição de aniversário de 50 anos do Macp expõe mais de 60 obras desse acervo, em um movimento de valorização e divulgação do patrimônio artístico-cultural de Mato Grosso. Impossível não reconhecer a valiosa contribuição do Macp para a arte e cultura mato-grossense mas especialmente seu envolvimento e inserção social contribuindo com o papel inclusivo e formador inerentes a uma Instituição de Ensino Superior relevante como a UFMT. O desafio posto para nossa gestão será implementar no próximo quadriênio ações efetivas no campo da museologia e museografia, garantindo não só o funcionamento de nosso Museu, como também a segurança de nosso acervo e atuando efetivamente na formação de nossos estudantes.

Prof^a. Dr^a Marluce Souza e Silva — Reitora

Prof^a. Dr^a Lisiane Pereira de Jesus

Pró-reitora de Cultura, Extensão e Vivência



O MUSEU DE ARTE E DE CULTURA POPULAR COMO VETOR DO DESPERTAR ARTÍSTICO

O Museu de Arte e de Cultura Popular (Macp) é um espaço de resistência na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá e em Mato Grosso, na medida em que ao longo desses 51 anos tem preservado a arte como uma esfera não restrita às elites. O Macp, como instituição que contribui à preservação da memória, tem agregado artistas de diferentes gerações implicados/as em disseminar a cultura mato-grossense por meio da arte, numa luta constante para que tenham oportunidades equitativas de difundir seu trabalho e dialogar com diferentes grupos populacionais.

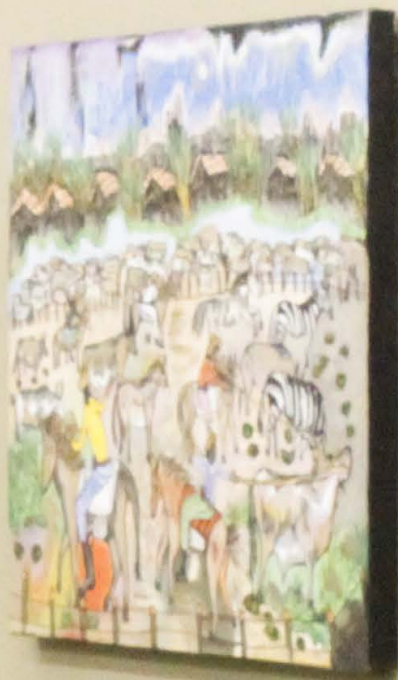
Com base na perspectiva de que a arte possibilita o despertar de várias dimensões do sujeito, independentemente do conhecimento de manejo técnico, o Macp tem possibilitado que muitos indivíduos, ao se depararem com uma ou mais obras, assim como ao participarem das mais diferentes oficinas, reflitam sobre sua existência, seu lugar no mundo e os diferentes vetores econômicos, políticos, religiosos etc. que atravessam a realidade em que estes se inserem. Ou seja, é pensar na arte para além dela mesma, como algo aberto que possibilita múltiplas interpretações com efeitos psicológicos peculiares a cada sujeito.

A inserção na arte e em toda sua experiência estética, por sacudir o corpo de forma integrada, incluindo a mente, põe em evidência o potencial transformador que ela tem, ao permitir observar o que não seria possível de outra maneira, por oferecer meios que proporcionam o desabrochar da imaginação, da consciência e das emoções, o que implica em criatividade e curiosidade, para que, de maneira crítica, seja possível repensar a sociedade em que se vive. Ou seja, a partir do acesso à materialização de uma dada realidade em uma pintura, escultura ou outra forma, o sujeito que se depara com este produto já não permanece o mesmo, pois, dentre outros aspectos, pode ser fortemente motivado a (re)visitar seu passado e (re)avaliar seus projetos de futuro, inclusive não desistir de sonhos e objetivos em razão de um presente que não lhe é auspicioso.

Enquanto lugar de estudos, pesquisas, apresentações, exposições, diálogos e críticas, o Macp tem permitido que a UFMT cumpra seu papel precípua de diálogo com a sociedade ampliada mediante práticas extensionistas, inclusive porque neste museu a arte também se articula à cultura popular. Portanto, defende-se que paulatinamente a vivência em museus, especificamente no Macp, não seja algo distante da realidade das pessoas mais pobres e residentes das áreas mais periféricas de Cuiabá e mesmo de outros lugares mais distantes do estado, as quais tendem a dedicar grande parte de sua vida ao trabalho, precário e explorado, apenas para garantir sua sobrevivência.

Por um Macp vivo! Vivo e em constante diálogo com os setores mais invisibilizados de Mato Grosso. A exposição que deu base a este catálogo buscou, também, cumprir esta tarefa.

Prof^a. Dr^a Patrícia Marília Félix da Silva — Supervisora do MACP



MEMÓRIA BIOCULTURAL

[narrativas e resistências em 50 anos do Macp/UFMT]

O Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso - Macp/UFMT é um dos mais importantes equipamentos museológicos do centro-oeste brasileiro. Comemoramos meio século de ações de salvaguarda de um vasto acervo de arte, de exposições coletivas e individuais, de processos educativos, do ateliê livre, de pesquisas e da experiência da residência artística CasaCorpo. O Macp se tornou um corpo-território biocultural que atende ao ensino, a pesquisa e a extensão registrados, principalmente, pela publicação do inventário organizado por Aline Figueiredo e Humberto Espíndola, fundadores e memórias-viva do Macp, publicado pela parceria UFMT e Entrelinhas Editora (2010).

Esta exposição faz parte das ações da gestão 2024/2028 da UFMT, representada pela reitora, a Profa. Dra. Marluce Souza e Silva, que tem como plataforma a valorização da cultura por meio da Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Vivência - Procev, dirigida pela Profa. Dra. Lisiane Pereira de Jesus. Dentro da estrutura da Procev está o Macp, supervisionado pelo Prof. Dr. Clark Mangabeira, (09/2023 - 03/2025) e Profa. Dra. Patrícia Felix (03/2025 - atual), que, com a museóloga Silvia Aragão e o designer gráfico Maurício Mota, desenvolvem ações de conservação, educação e agenda cultural, bem como a manutenção do museu e do ateliê livre.

Para a realização da exposição, escolhemos como recorte curatorial obras que estão em diálogo com o conceito de memória biocultural, ancorado no pensamento da Etnobiologia. A memória biocultural, individual e coletiva, é considerada como um complexo sistema linguístico, genético e ecológico, guardado, transmitido e atualizado ao longo das gerações por meio das sabedorias e etnoconhecimentos. O acervo do Macp reflete a diversidade e a riqueza dessas memórias produzidas e partilhadas no coração da América do Sul, com territórios que são formas de habitar o tempo-espço.

A pesquisa junto ao acervo contou com a consultoria da Profa. Dra. Fernanda Pitta, curadora e pesquisadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC USP, para identificação dos núcleos narrativos e seleção das obras. Foram selecionadas aproximadamente oitenta e oito obras de cinquenta artistas presentes no acervo do Macp e uma nova incorporação, obra da artista do povo Bakairi, Kaya Agari, doação da galeria Carmo Johnson Projects, de São Paulo. Os grandes núcleos identificados são: manifestos sociais, memória biocultural e emergência climática. No núcleo manifestos sociais organizamos os subnúcleos: direitos humanos, desigualdades, grilagem e tráfico. No núcleo emergência climática, os subnúcleos: manifestos socioecológicos, desmatamento, queimadas

e ameaças à biodiversidade. Em memória biocultural, os subnúcleos: etno-conhecimento ecológico, memória e modos de vida.

Poemas dos autores mato-grossenses Caio Augusto Ribeiro, Ivens Cuibano Scaff, Lucinda Persona, Marília Beatriz e Silva Freire que pautam urgentes questões sociais e ecológicas complementam a exposição. Na sua entrada, um mapa com a seleção de dez obras instaladas no câmpus conecta-as à narrativa da exposição. Além dessas obras, está no mapa o Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia Musear/UFMT, que dispõe de um acervo de artes indígenas.

O projeto expográfico contou com a participação da Profa. Dra. Livia Bertges, e do arquiteto expógrafo Rubens Florêncio. A paleta de cores da expografia parte das tonalidades terracota da pedra canga do Cerrado, verde das paisagens da Amazônia mato-grossense e bege dos solos brejosos do Pantanal. A disposição das paredes móveis é inspirada na logomarca da UFMT, criada pelo artista Wladimir Dias-Pino. A montagem da exposição é de Rodrigo Leite.

O programa educativo traz como força potencializadora 'Quebrar a Dormência', uma metáfora que nos convida a múltiplas reflexões, proposta pelo arte-educador, Caio Augusto Ribeiro, que assina junto à curadoria o corpus que envolve a formação dos mediadores, as rodas de conversas e os textos poéticos. O programa conta com a colaboração de oito grupos de pesquisa da UFMT, que, ao longo da temporada de exibição, têm o compromisso de trazer ativações dentro do conteúdo narrativo da exposição, articulados pela coordenadora de cultura da Procev, Profa. Dra. Divanize Carbonieri.

Esta mostra é um antídoto à amnésia biocultural, que nos oferta um caleidoscópio para ver o passado-presente-futuro a partir de narrativas e resistências produzidas por artistas que nos ensinam a alargar os horizontes, ampliar a compreensão do que pode ser arte e cultura e as múltiplas formas de transver o mundo.

Vida longa ao Macp, que possa continuar sua vocação de salvaguarda e educação! Vida longa à Arte matogrossense, que rompe as estruturas hegemônicas dos pensamentos colonizadores e colonizados.

Prof^a. Dr^a Ruth Albernaz

Curadora da Exposição

Pesquisadora em Etnobiologia e Artista-bióloga



Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.



O QUE É MEMÓRIA BIOCULTURAL?

A memória biocultural é um diálogo vivo. É o 'quem' junto ao 'onde'.

Um rio em que mergulhamos o que somos biologicamente, como parte da natureza, com o que nos tornamos culturalmente, como membros de sociedades humanas. Neste rio de memória biocultural, estamos todos molhados pela mesma água.

Essa forma de olhar a nós mesmos mostra que as práticas culturais e os traços biológicos de nosso povo – e de outros - não são separados, mas profundamente interligados, moldando-se mutuamente ao longo do tempo.

DE ONDE VEM A MEMÓRIA BIOCULTURAL?

A [memória biocultural] é um conceito que emerge da intersecção entre biologia, antropologia, ecologia e estudos das culturas. Sua origem está relacionada ao reconhecimento de que os seres humanos, ao longo da história, desenvolveram práticas e conhecimentos que não são apenas produtos da cultura, mas também da relação direta com o ambiente natural.

Nas últimas décadas do século XX, o avanço de debates sobre sustentabilidade, ecologia e diversidade cultural começou a destacar um ponto crucial: o impacto da globalização, da urbanização e da exploração ambiental estava destruindo não apenas ecossistemas, mas também práticas culturais profundamente enraizadas nesses ambientes. Pesquisadores perceberam que muitas comunidades tradicionais possuíam uma relação simbiótica com a natureza, e que seus conhecimentos sobre o meio ambiente eram fundamentais tanto para a preservação dos ecossistemas quanto para a continuidade de suas culturas. Como se práticas ancestrais de manejo de biodiversidade existissem sempre em um ciclo de equilíbrio perfeito com o ambiente ao entorno. Uma unidade.

A partir disso, o conceito de memória biocultural surgiu como uma tentativa de descrever essa interdependência. Ele combina:

Memória biológica: a adaptação física e genética ao ambiente natural.

Memória cultural: os saberes, tradições e práticas transmitidos socialmente.

ONDE ESTÁ A MEMÓRIA BIOCULTURAL?

Os seres humanos não existem isoladamente da natureza ou de sua cultura. Assim, a memória biocultural enfatiza como os processos de adaptação humana incluem tanto aspectos biológicos quanto culturais, os quais se influenciam mutuamente ao longo das gerações. Este é o diálogo vivo!

Enxergamos a memória biocultural nas comunidades tradicionais que adaptam suas práticas agrícolas de acordo com o clima e o solo local, transmitindo esse conhecimento às próximas gerações.

Nos rituais e festividades que celebram mudanças sazonais (como colheitas) e refletem a relação histórica de uma cultura com o ambiente natural.

No uso de ervas medicinais por povos indígenas, como a Negramina (*Siparuna guianensis*) combinando observação direta da natureza e transmissão oral de saberes.

No fazer de uma canoa ou de uma viola de cocho. E, também, nas casas de adobe ou taipa.

Nas tinturas naturais feitas por comunidades sul-americanas por meio de plantas, raízes e argilas locais para tingir tecidos. E, também, nos padrões de tecelagem Maias, com cores e figuras geométricas em seus tecidos, representando aspectos da biodiversidade (como plantas e animais), mas também com significados espirituais ligados à terra.

OS NÚCLEOS GERADORES DA EXPOSIÇÃO

A exposição Memória Biocultural [narrativas e resistências em 50 anos do MACP/UFMT] apresenta um convite ao público a refletir sobre a interseção entre memória, cultura e meio ambiente, estruturada em três núcleos temáticos: Memória Biocultural, Manifestos Sociais e Emergência Climática. Por meio de um acervo robusto e referências culturais e acadêmicas, os temas dialogam com obras históricas e atuais, trazendo à tona discussões sociais, ambientais e artísticas fundamentais.

MEMÓRIA BIOCULTURAL

O conceito de memória biocultural, que relaciona os saberes ancestrais às práticas culturais e ao meio ambiente, é central nesse núcleo. Na exposição, a obra “Vida no campo (1978)”, de Alcides Pereira, reflete sobre os modos de vida de populações camponesas e sua bionteração com a natureza, sendo possível relacionar com o texto de Nego Bispo. Os saberes camponeses e quilombolas, como discutidos nessas obras, revelam a necessidade de valorizar práticas tradicionais que garantem a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente. Eles mostram que a verdadeira bionteração não é baseada no esgotamento dos recursos naturais, mas no entendimento profundo das relações ecológicas entre os seres humanos e a natureza, oferecendo lições vitais para o mundo contemporâneo sobre desenvolvimento sustentável e responsabilidade social e ambiental.

Referências semelhantes estão presentes no documentário “A Última Floresta” (2021), dirigido por Luiz Bolognesi e co-escrito por Davi Kopenawa

Yanomami. O filme combina a força narrativa de uma denúncia ambiental com a beleza poética de um retrato cultural de populações originárias. Essa relação entre saberes tradicionais e biodiversidade é um alerta para o impacto das mudanças climáticas e das políticas de exploração econômica que acontecem quando destruímos a memória biocultural.

MANIFESTOS SOCIOECOLÓGICOS

Os Manifestos Socioecológicos representam um espaço de denúncia e resistência, em que a arte e a cultura se tornam plataformas para questionar a exclusão social e os impactos das decisões políticas e econômicas. Obras como “GREVE NO R.U (1986)”, de Dalva de Barros, discute a realidade das lutas estudantis, dando luz a temas centrais como a luta por liberdade, a resistência contra a repressão e a precariedade das estruturas universitárias da época. O trabalho destaca a força das mobilizações sociais e a importância de questionar os sistemas institucionais e políticos, usando a cultura como plataforma para desafiar as estruturas de poder e visibilizar a busca por justiça social e direitos humanos.

No livro “A Ralé Brasileira”, de Jessé de Souza, também podemos encontrar discussões críticas sobre desigualdade social e poder, oferecendo uma perspectiva relevante para entender os conflitos retratados nas obras da exposição e em produções audiovisuais brasileiras, no filme “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho, que utiliza a narrativa cinematográfica para retratar o desequilíbrio entre o desenvolvimento econômico e os impactos sociais e ambientais no interior do Brasil.

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

O núcleo Emergência Climática traz o impacto visível das mudanças ambientais e os desafios éticos e sociais que surgem dessa crise. No acervo do Macp, a obra “Desmatamento (1984)”, de Nilson Pimenta, revela a crueldade e o impacto da derrubada de árvores no Cerrado, bem como a destruição do habitat natural de muitas espécies de animais e insetos, um alerta urgente sobre os efeitos das práticas predatórias no meio ambiente.

Paralelamente, o documentário “O Amanhã é Hoje”, de Thais Lazzer, serve como um panorama inquietante sobre os impactos das mudanças climáticas na vida de brasileiros, discutindo o papel das grandes indústrias e das decisões políticas internacionais.

Caio Ribeiro — Poeta e Antropólogo



Small red label with text, likely an artist or title label.



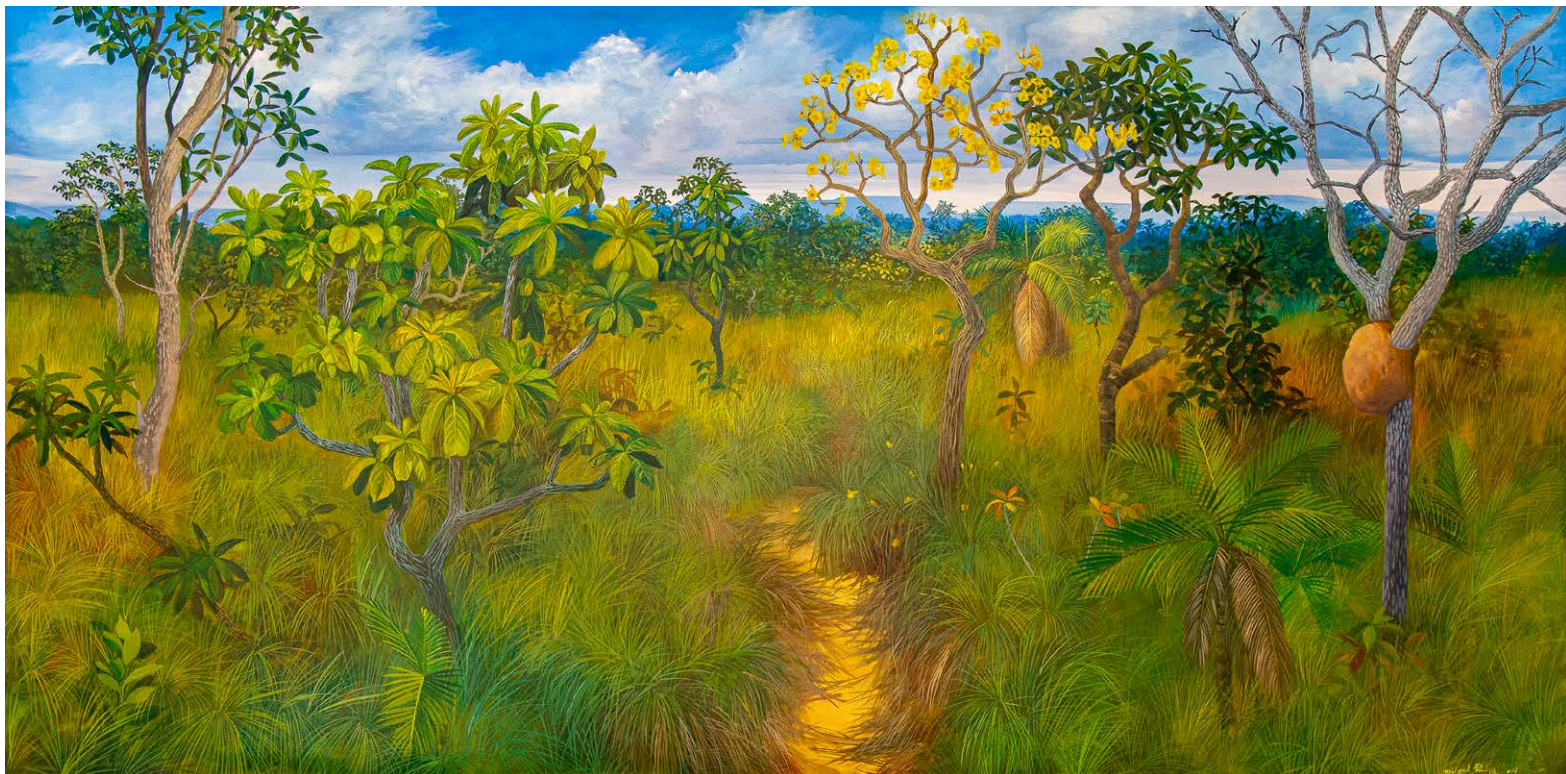
Small red label with text, likely an artist or title label.



Small red label with text, likely an artist or title label.



Memória Biocultural



Cerrado, 2004 | Miguel Penha Chiquitano | acrílica sobre tela | 135 x 230 cm



Buriti, 2010 | Miguel Penha Chiquitano | acrílica sobre tela | 230 x 135 cm



O espírito da Floresta, 1997 | Miguel Penha Chiquitano | óleo sobre tela | 163 x 163 cm



Tatu, 2000 | Roberto de Almeida | escultura em madeira | 107 x 24 x 15 cm



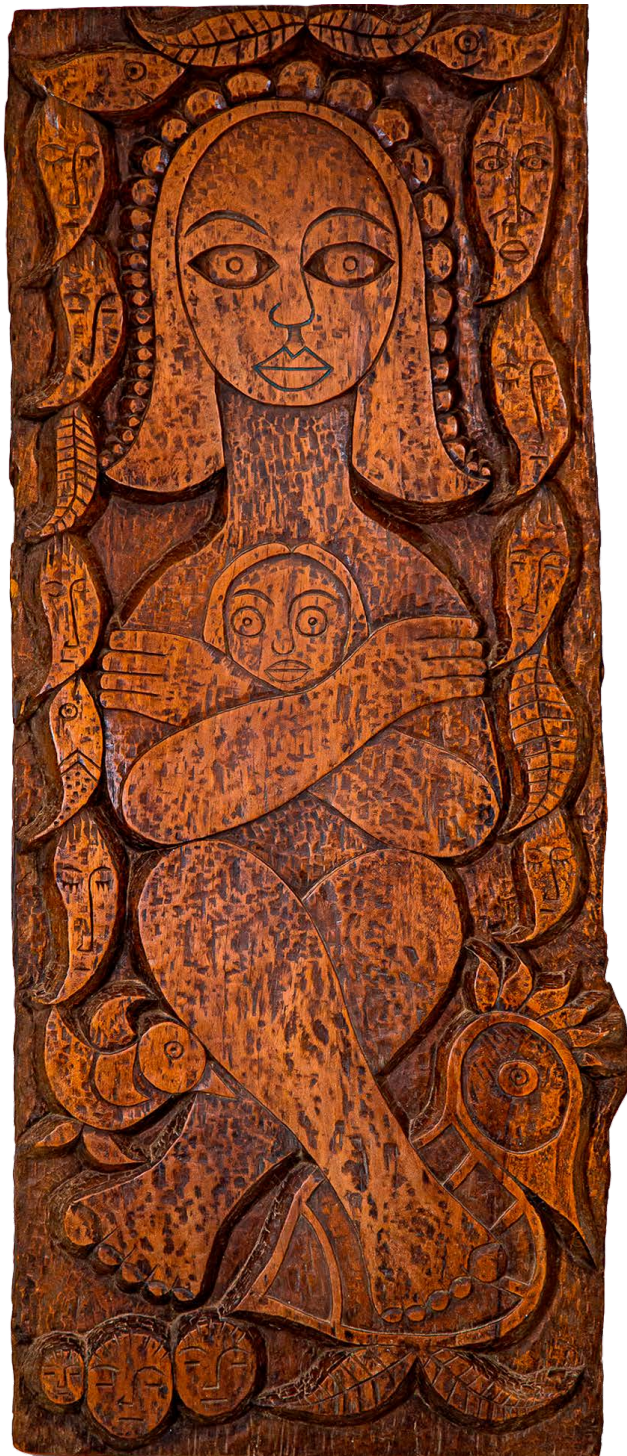
Sem título, s.d | Roberto de Almeida | escultura em madeira collab com Daniel Pelegrin
| 66 x 26 x 20 cm



Barriga do Pantanal, 1992 | Vitória Basaia | mista sobre tela | 108 x 108 cm

***(...) rio serpente de mim
a cor do ventre do mundo (...)***

Trecho de poema
de Marília Beatriz,
sem data



Maternidade, 1974 | Ilton Silva | entalhe em madeira | 153 x 60 x 7 cm



Vôo Xamânico, 2014 | Ruth Albernaz | mista sobre tela | 80 x 80 cm



O tempo é minha matéria, 2014 | Ruth Albernaz | mista sobre tela | 80 x 80 cm



Paisagem do Cerrado, 1996 | Márcio Aurélio | acrílica sobre tela | 150 x 101 cm



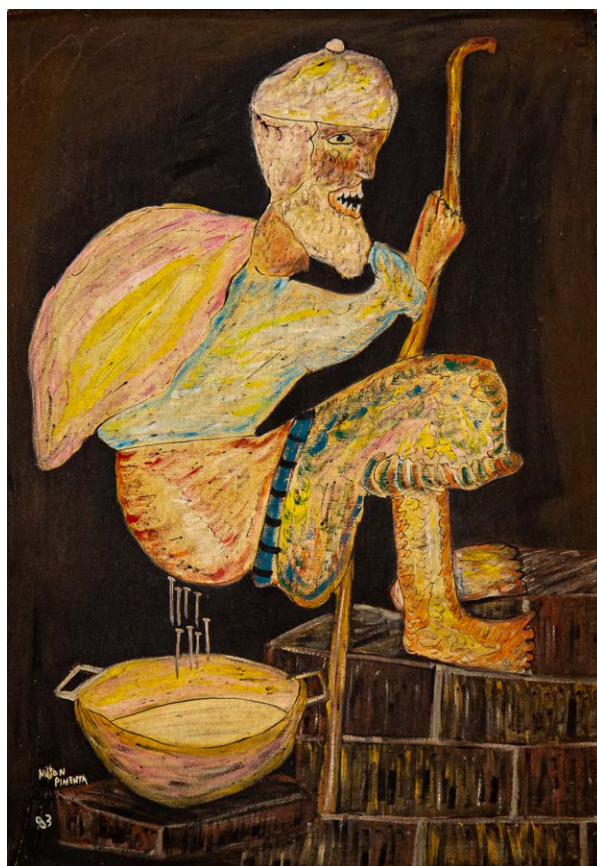
Boy, 1984 | Nilson Pimenta | óleo sobre tela | 62 x 51,5



Desmatamento, 1984 | Nilson Pimenta | óleo sobre tela | 100 x 120 cm



Peixeira, 1985 | Nilson Pimenta | óleo sobre tela | 79,5 x 118,5 cm



Devorando prego, 1983 | Nilson Pimenta | óleo sobre tela | 70 x 49 cm



Sono de caçador, 2004 | Wander Mello | óleo sobre tela | 90 x 130 cm



Vida no Campo, 1988 | Adão Domiciano | tríptico, aquarela sobre papel | 69 x 57 cm

Carícia

**Na tarde quente
as árvores se acariciam
com dedos de sombra**

Poema de
Ivens Cuiabano Scaff,
2011



Moças-moringa, s/d | Dona Joana | cerâmica | 33 x 19 x 19 cm | 47 x 22 x 23 cm



Potes, S.d | Dona Joana | cerâmica | 44 x 31 x 31 cm | 45 x 35 x 35 cm



Codornas, s.d | Clínio Moura | cerâmica |
 9 x 10 x 10,5 cm | 7,5 x 9,5 x 9 cm | 6,5 x 8 x 7,5 cm | 7 x 7,5 x 7,5 cm



Presépio, 2000 | Clínio Moura | cerâmica | 23 x 35 x 26 cm



Pescador, s.d | Julia Rodrigues | escultura em cerâmica | 19 x 48 x 12 cm



Tereza de Benguela, 2013 | Rosylene Pinto |
escultura em cerâmica figurativa | 20 x 40 x 28 cm



Lamparina, 2000 | Almira Reuter
| tecido sobre placa de alumínio | 72 x 64 x 50 cm



Bugres, s.d | Conceição Freitas |
esculturas em madeira revestida
de cera de abelha e tinta |
78 x 28 x 30 cm | 19 x 13 x 7 cm



A vida no Campo, 1978 | Alcides Pereira | óleo e esmalte sobre tela | 104 x 139 cm



Agricultura no Brasil, 1979 | Alcides Pereira | acrílica sobre tela | 84 x 141 cm



A pesca, 1974 | Hermes Pereira | acrílica sobre eucatex | 99 x 79 cm



Indígenas, 1989 | Fabio Lacerda | óleo sobre tela | 50 x 80 cm



Na prova de laço deu zebra, 2015 | Valques Pimenta | acrílica sobre tela | 80 x 110 cm



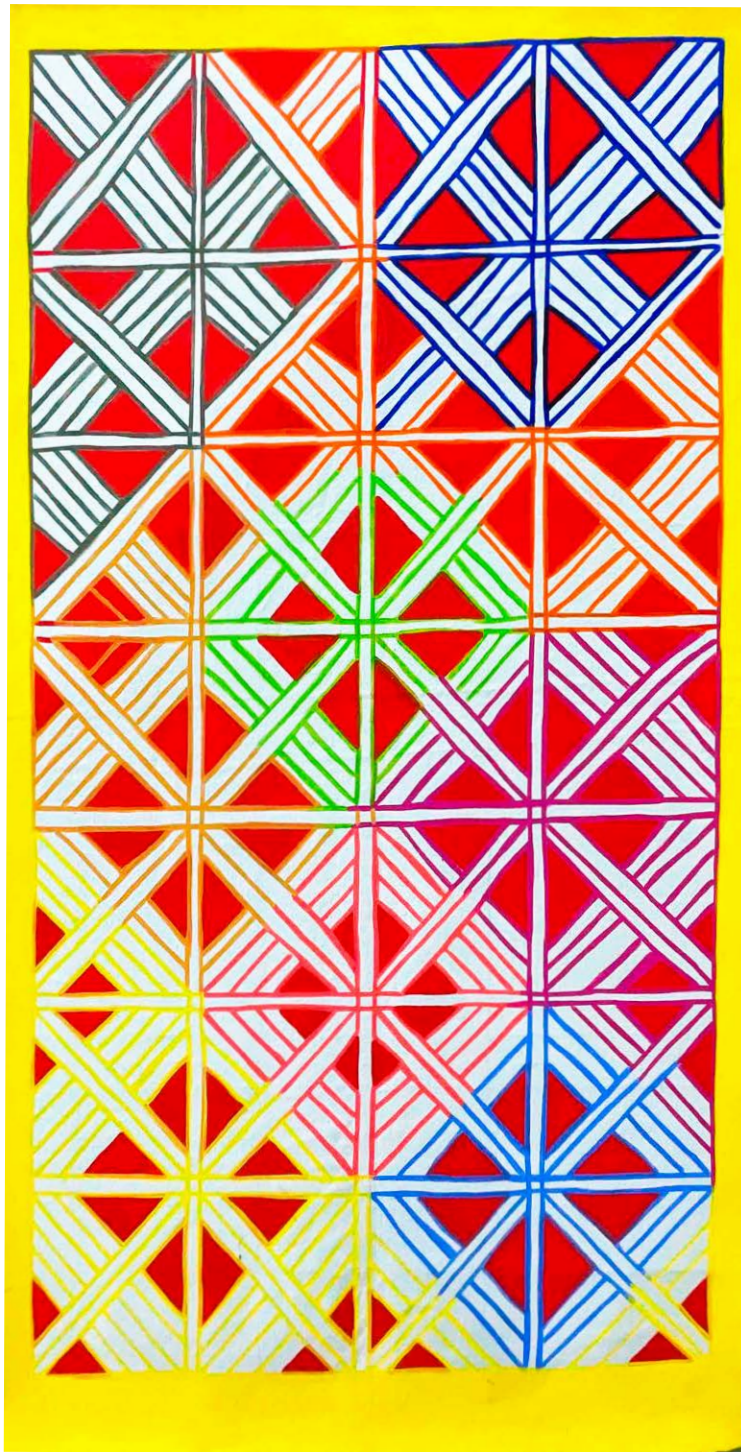
Área indígena, 1991 | Valdivino Miranda | óleo sobre tela | 89 x 98 cm



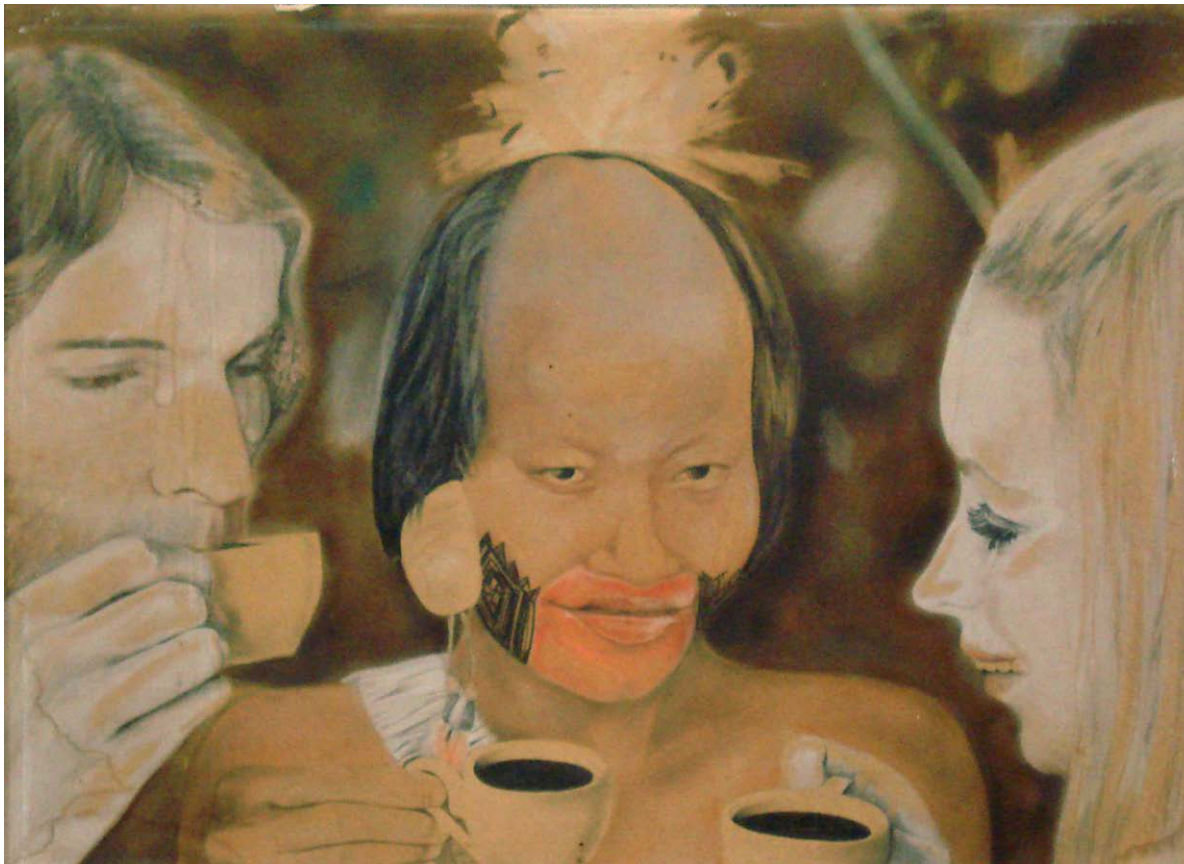
Caçadores de Tatu, 1995 | Valdivino Miranda | óleo sobre tela | 43 x 70 cm



Seres do Pantanal, 1990 | Aleixo Cortez | acrílica sobre tela | 106,5 x 137,5 cm



Casca de Jabuti, 2024 | Kaya Agari | acrílica sobre tela | 162 x 84 cm



Cafezinho (série Xinguana), 1975 | Clóvis Irigaray | giz pastel sobre papel | 39 x 52 cm



Jacaré, 1992 | Júlio César | acrílica sobre tela | 67,5 x 103 cm

Manifestos Sociais



Greve no RU, 1986 | Dalva de Barros | óleo sobre tela | 61 x 46 cm



Chacrinha na UFMT: o show que não houve, 1978 |
Dalva de Barros | óleo sobre tela | 50 x 40,5 cm



Cenas Idílicas, 1986 | Benedito Nunes | óleo sobre tela | 137 x 177 cm



Salão de Beleza, 1980 | Benedito Nunes | óleo sobre tela | 69 x 84 cm



Atentado a Frei Quirino, 1981 |
Benedito Nunes | óleo sobre tela | 98 x 80 cm



Açougue, 1979 | Benedito Nunes | óleo sobre tela | 73 x 68 cm



Sem título, 1994 | Carlos Lopes | óleo sobre tela | 115 x 136 cm



Sem título, s.d | Paulo Pires | escultura em granito | 40 x 26 x 22 cm | 36 x 24 x 23 cm



Santuário V, s.d | Regina Pena | assemblagem | 84 x 55 x 11 cm

Não são as crianças que se
esquecem de seus valores
permanentes. Elas se alimentam
das raízes da raça

Não são as crianças que se
enriquecem a curto prazo e a
qualquer preço, a custa de seu
empobrecimento...

Quem está descarnando o seu
patrimônio espiritual?

Quem quer apagar a memória de
seu povo? Quem deforma a sua
imagem histórica?

Quem delapida sua herança?

Quem camufla a trambicagem?

Não são as crianças que borram a
imundície da vida em suas paredes
seculares. As crianças suas crianças,
Cuiabá, sabem pintar de alegria a
cidade-útero materno...

Trecho de "Canto-murmúrio para minha cidade"
de Benedito Santana da Silva Freire, 2008



Meu último passo, 2013 | Olímpio Bezerra |
tecido sobre placa de alumínio | 72 x 64 x 50 cm



Passarinha, 2006 | Vitoria Basaia | instalação, técnica mista | 140 x 84 x 75 cm



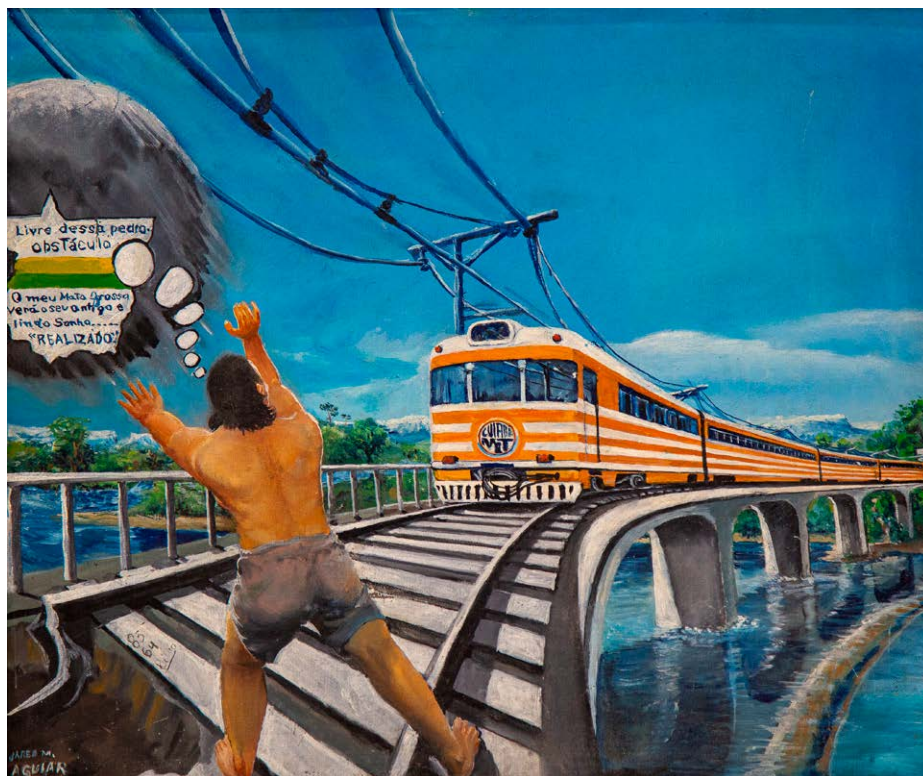
Tuiuiú Nazista, 2005 | Gervane de Paula |
objeto escultórico
(ferro, papel machê,
vidro de porcelana) |
133 x 79 x 58 cm



Sem título, 1987 | Gervane de Paula | óleo sobre tela | 170 x 228 cm



Sem Título, 2019 | Sebastião Silva | objeto escultórico em madeira | 107 x 25 x 40 cm



Ferrovia Sonho matogrossense, 1980 | Jared Aguiar | Óleo sobre tela | 50 x 60 cm



Cuiabá em três tempos, 1979 | Jared Aguiar | óleo sobre tela | 46 x 61 cm



Pequenos Formatos, 1999 | Magna Domingos | óleo sobre tela | 27 x 24,5 cm



O Casamento, 1974 | Ignez Corrêa da Costa | óleo sobre tela | 50,5 x 40 cm



Beco de rua, 1995 | José Pereira | acrílica sobre tela | 43 x 59 cm



Ônibus no Pedregal, 1979 | Adir Sodré | óleo sobre tela | 130 x 170 cm



Ceias Brasileiras, 1980 | Adir Sodré | óleo sobre tela | 130 x 170 cm



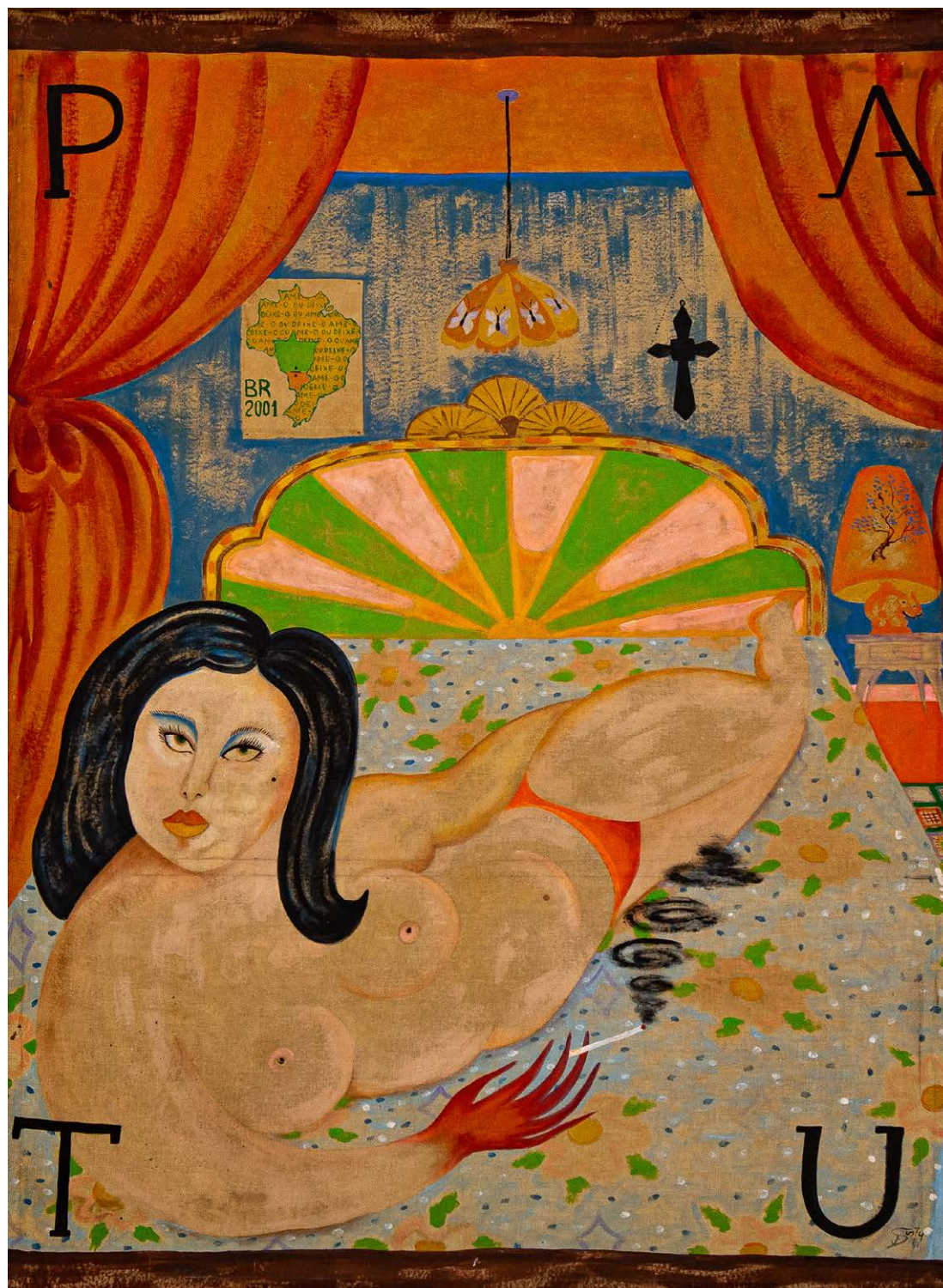
Visão da diversidade Brasileira, 2005
| João Sebastião da Costa | acrílica sobre tela | 75 x 55 cm



Sem título, 1995 | João Pedro Arruda | acrílica sobre o papel | 48 x 68 cm



Sem título, 1995 | João Pedro Arruda | acrílica sobre o papel | 96,7 x 47 cm



A Puta, 1977 | João Sebastião da Costa | tinta de tecido sobre lençol | 150 x 110 cm



O Brasil é feito por nós, 1977 | João Sebastião da Costa | tinta de tecido sobre lençol | 150 x 110 cm



Sem Título, 1989 | Maty Vitart | óleo sobre tela | 200 x 200 cm



Sem Título, 1996 | Wender Carlos | acrílica sobre tela | 51 x 64,5 cm | 51 x 64,5 cm | 51 x 64,5 cm



O sacrifício, 2020 | Gonçalo Arruda | acrílica sobre papel | 66 x 49 cm



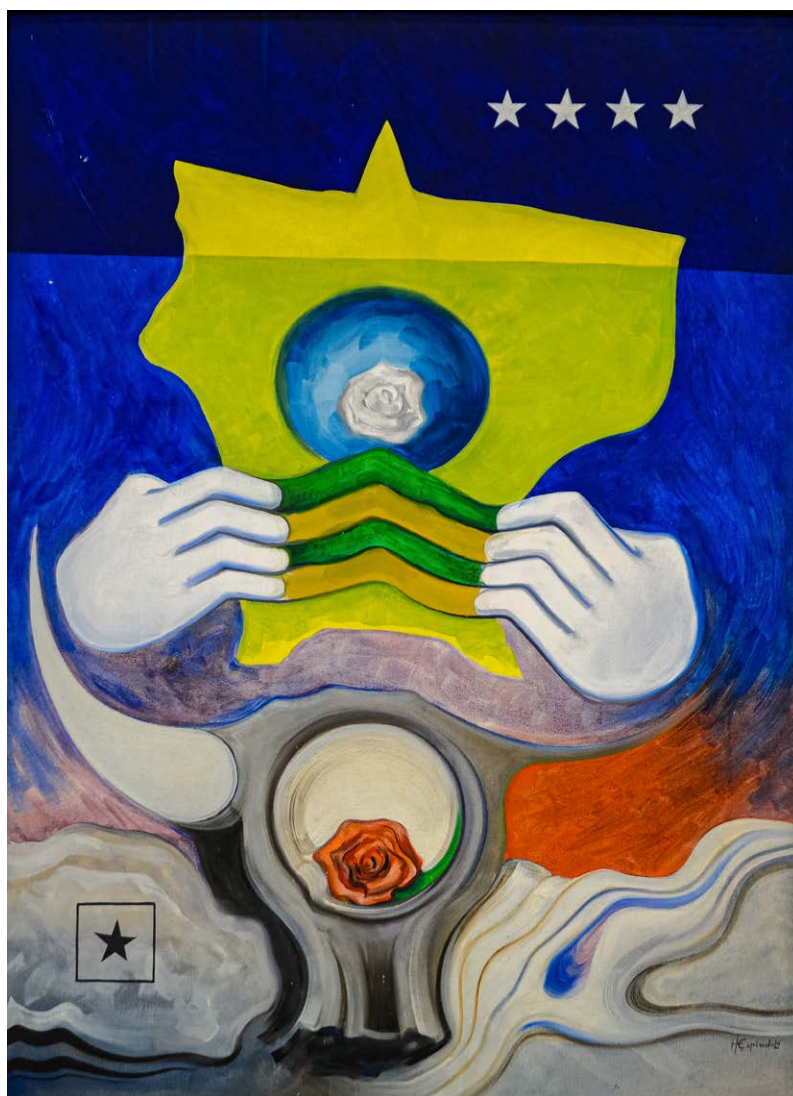
Sem título, 1992 | Sitó | acrílica sobre tela | 50 x 81 cm



Devastação da Amazônia, 1980 | Humberto Espíndola | óleo sobre tela | 130 x 170 cm



O Boi, 1968 | Humberto Espíndola | óleo sobre tela | 50 x 70 cm



Guerra das rosas, 1977 | Humberto Espíndola | óleo sobre tela | 101 x 73 cm



Grupo Matogrossense, 1981 | Adir Sodré | ac rica sobre tela | 100 x 150 cm

**Emergência
climática**

ESTRELAS ABERTAS

No chão seco do Cerrado
um vasto lençol de cinzas
extremamente macio
(quantos milímetros de altura?)
Tão brando
cedendo facilmente
à mínima pressão
até de um suspiro

Depois do fogo
essa camada de cinzas
voltada para o céu
roga por água
espera o impacto
das gotas antecipadas
da primeira chuva

Creio
que essas gotas
precipitadas
desengonçadas
por certo
formarão
estrelas abertas.

Poema inédito de Lucinda Persona, 2022



Exploração da Terra, 1983 | José Serafim Bertoloto | óleo sobre tela | 95 x 82 cm



Tatu, 1995 | Jonas Barros | mista sobre tela | 140 x 123 cm



Matança dos Animais I, 1983 | Marcelo Velasco | óleo sobre tela | 51 x 91 cm



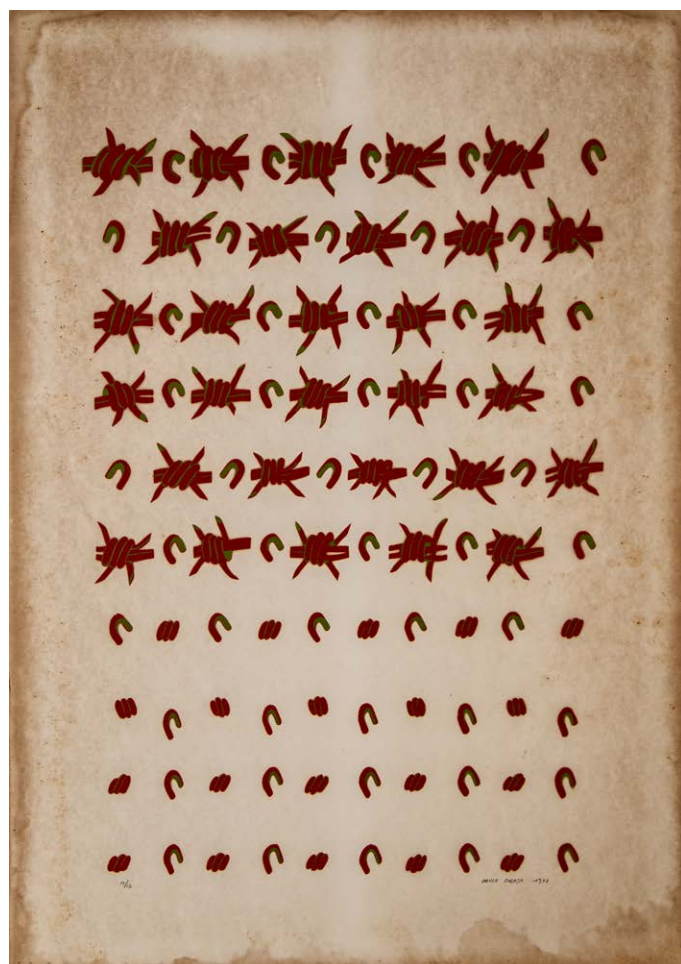
Matança dos Animais II, 1983 | Marcelo Velasco | óleo sobre tela | 51 x 91 cm



Correntões, 2019 | Sebastião Silva | carvão sobre tela | 153 x 250 cm



Mira, 1979 | Marta Catunda | óleo e acrílico sobre eucatex | 79 x 120 cm



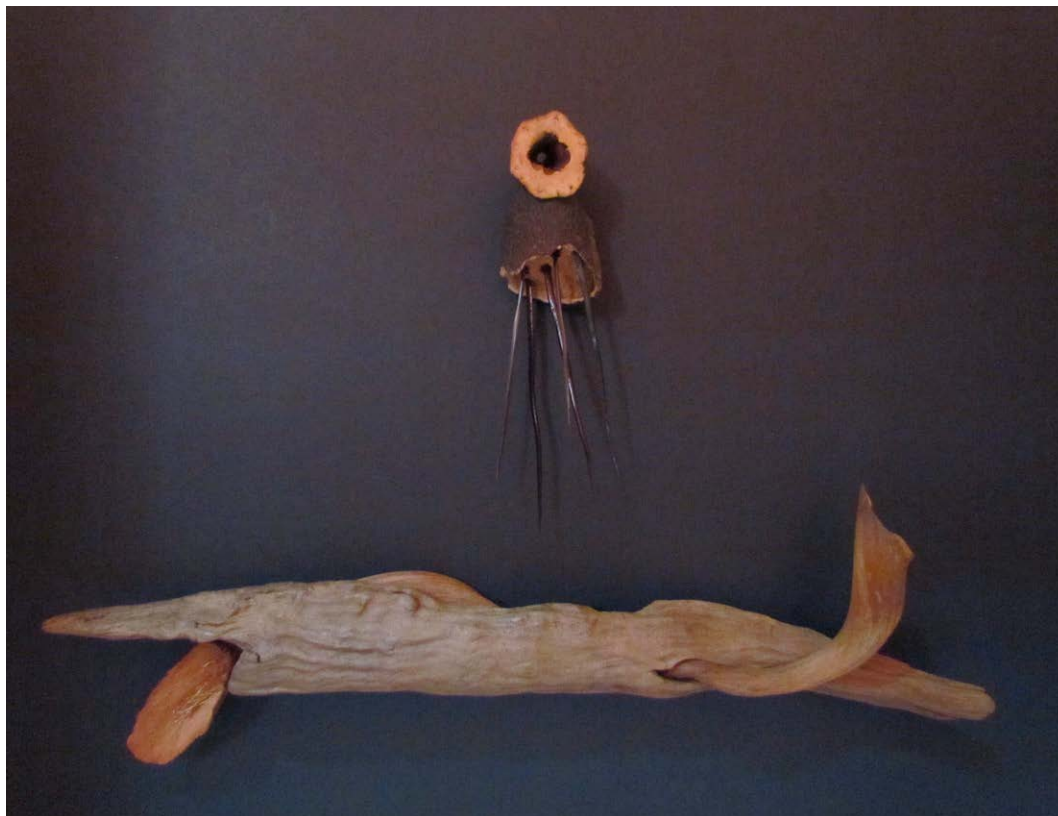
Hieróglifos, 1977 | Paulo Fogaça | serigrafia sobre papel | 49,5 x 34,5 cm | 49,5 x 34,5 cm



Desmatamento, 1980 | Iranche | óleo sobre tela | 50 x 60 cm



Grilagem, 1998 | Adão Domiciano | aquarela sobre papel | 32 x 44,5 cm



Sem Título, 2016 | Hamilton Leirão | assemblage | 38 x 49 cm



Sem título, 1989 | Bené Fonteles, Hamilton Leitão |
 assemblage com fotografia de Luiz Fernando Borges | 48 x 33 cm | 48 x 33 cm

o fim do verd
perdoar

Poema visual de Caio Ribeiro, 2021



Programa Educativo

Visita digital

Com Jéssica Borges

Click aqui

Realizada por Jéssica Borges e Wallace Marquis

Visita guiada

**Mediada por
Caio Ribeiro e
Ruth Albernaz**



No dia 14 de março, das 15h30 às 17h30, o Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT recebeu uma visita guiada pela exposição Memória Biocultural, conduzida pela curadora Ruth Albernaz e Caio Ribeiro, proporcionando reflexões sensíveis e potentes sobre os temas abordados pela mostra. Participaram da visita alunos dos programas ECCO, PROFHIST e do Núcleo de Estudos de Cultura e Oralidade (NEC), enriquecendo o momento com diálogos interdisciplinares e trocas significativas.

Entrevista com o artista Sebastião Silva

Mediada por
Ana Maria Marques



Entrevista com Sebastião Silva, mediada por Ana Maria Marques, que compartilharam suas vivências e experiências ao longo de sua carreira artística. Uma oportunidade única para conhecer mais sobre o processo criativo e as influências do artista em sua obra.

Arte com Luz do Sol

Mediada por
Micheli Fanalli
Magalhães



Oficina de cianotipia, onde os participantes aprenderam a criar impressões de imagens utilizando a luz solar. A técnica, que resulta em imagens azuis características, permite que todos explorem a fotografia artesanal de uma forma criativa e acessível.

Sons e imagens em criação coletiva

Mediada por
Lisbeth Soares



Oficina de sonorização inspirada nas obras da exposição. Através da combinação de sons e imagens, os/as participantes exploraram o processo criativo coletivo, criando atmosferas sonoras que dialogam com as obras expostas, ampliando a experiência sensorial do público.

Dramaturgia visual

Mediada por
Naiane Gonçalves &
Airton Lacerda



A oficina une dramaturgia e cenografia para uma narrativa visual, tendo como ponto de partida o livro *Seu Tomás e o Pequeno Edson*, de Airton Lacerda. Por meio do teatro de sombras, os/as participantes transformaram palavras em imagens, explorando a relação entre escrita e visualidade. O evento, em parceria com o Núcleo de Estudos do Contemporâneo - NEC/UFMT, é um convite para pensar a cena além das palavras, dando forma ao invisível e ressignificando a relação entre literatura, teatro e artes visuais.

Oceanizar



**Mediada por
Katiuska Luzz**

Oficina Teatral com técnicas de respiração a partir das conexões entre o cansaço e o colapso climático.

Ghazeya: do ancestral ao contemporâneo



**Mediada por
Najmah al Nureen**

Essa vivência cultural e artística visa a uma introdução à arte da Dança Oriental Árabe, a partir das Ghawzee (dançarinas do Egito século XIX), contextualizando sua história sob a ótica do pensamento da descolonização de Eduard Said e sua relação com o orientalismo.

Roda de conversa: O Artista como Trabalhador

Mediada por
Patrícia Marília
Félix da Silva



O(a) artista é reconhecido(a) como trabalhador(a)? Para provocar esta reflexão, o Museu de Arte e de Cultura Popular (MACP/ UFMT) convida para uma Roda de Conversa com os/as artistas Kaya Agari, Regis Gomes e Umberto Lima, na qual se discutirá a relação entre os campos laboral e o artístico, mediante o compartilhamento de experiências, desafios e estratégias para viver de arte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533

Memória Biocultural: Narrativas e resistências em 50 anos do MACP/UFMT [recurso eletrônico] / Curadoria: Ruth Albernaz. Consultoria: Fernanda Pitta. -- Cuiabá-MT: MACP/UFMT, Doisa Organização Documental, 2025. 102p.

ISBN 978-85-66308-56-3.

1. Museu – Memória 2. Museu de Arte. 3. Cultura Popular. 4. Patrimônio Artístico-Cultural. I. Albernaz, Ruth. II. Pitta, Fernanda.

CDU 069(09)

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Douglas Rios (CRB1/1610)



ISBN: 978-85-66308-56-3



9 788566 308563

Realização



macp
MUSEU DE ARTE E
DE CULTURA POPULAR UFMT

PROCEV
Pró-reitoria de Cultura,
Extensão e Vivência



Apoio



monza
TINTAS